

Valentia e feminilidade na relação mãe e filha: Impasses inerentes da constituição feminina

Silva, Maria José; Pinheiro, Marina Assis; Cardoso, Luísa.

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma problematização sobre a relação mãe e filha e seus conflitos inerentes e atemporais. O referencial teórico é a abordagem psicanalítica segundo a perspectiva de Lacan, sem deixar de estabelecer interlocução com a abordagem de Winnicott. O *tornar-se mulher* é eixo crucial dos impasses e paradoxos experienciados por via deste vínculo, donde os conceitos de identificação e feminilidade apresentam-se como enigmas da díade. Será utilizado como por exemplo interpretativo desta reflexão, a leitura do filme “Valente” (Pixar 2012), uma vez que mãe e filha protagonizam, como numa narrativa mítica, as desventuras do processo de singularização da feminilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Relação mãe e filha, conflitos, feminilidade, identificação, estádio do espelho.

O presente artigo aborda a relação mãe e filha através da problematização dos conflitos constitutivos deste vínculo que atravessa e transforma, de modo único, o processo de autoração da feminilidade de cada polaridade da díade. Como recurso ilustrativo da reflexão pretendida, é desenvolvido um recorte interpretativo sobre o filme “Valente” (Pixar, 2012), uma vez que nesta narrativa cinematográfica a complexidade, plena de impasses e processos de diferenciação, é exibida de modo contundente, espelhando as vicissitudes inerentes do vínculo mãe e filha.

Para a produção da presente leitura, assume-se como referencial psicanalítico a perspectiva lacaniana, sem que isso exclua a possibilidade de diálogo junto à obra de Winnicott, uma vez que esta perspectiva também oferece conceitos significativos para a compreensão dos processos identificatórios dos primeiros enlaces entre a mãe e o bebê. A escolha de teóricos tão distintos como Lacan e Winnicott nos possibilita uma articulação rica em termos da compreensão da singularidade do tornar-se mulher, desde

a condição de filha até sua radical mutação quando situada na posição de desempenhar a função materna.

Na perspectiva de uma leitura cultural do tema proposto, no mundo contemporâneo as identidades passam por uma profunda revisão, particularmente, no que diz respeito ao que é ser mulher e qual o seu papel na sociedade vigente. Num momento histórico anterior, pode-se afirmar que o lugar da mulher era mais delimitado no campo da sociedade, pois a força das tradições, em seu poder coercitivo, implicava uma nítida antinomia em relação à função do homem no *sócius*. A partir da revolução industrial, a mão de obra feminina passou, cada vez mais a ser requisitada, e assim, conforme é sabido, pouco a pouco, as mulheres passaram a almejar um lugar social em que o espaço doméstico não se caracterizava como seu território exclusivo, mas sim, um entre outros lugares possíveis para o trânsito de seu circuito desejante.

“(…) Na segunda metade do século XX a família ‘hierárquica’, organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo de família onde o poder era distribuído de forma mais igualitária: entre o homem e a mulher, mas também, aos poucos, entre pais e filhos. Se o pátrio poder foi abalado, é de se supor que algum deslocamento tenha ocorrido do lado das mulheres, a começar pelo ingresso no mercado de trabalho, com a conseqüente emancipação financeira daquelas que durante tantas décadas foram tão dependentes do ‘chefe de família’ quanto as crianças geradas pelo casal” (Kehl, 2003, p.1).

Neste contexto, a mulher passou a ter um maior controle sobre o seu corpo, sobre o número de filhos e, sobretudo, passou a ser reconhecida numa posição menos confinada à condição de seu sexo. Contudo, mesmo como todos os novos horizontes sociais, imaginários, profissionais, desenhados a partir da referente mutação cultural, as mulheres, na contemporaneidade, ainda encontram na maternidade um eixo identitário de significativa ancoragem existencial.

Na atualidade, a mulher capaz e livre para customizar até mesmo o próprio corpo (vide cirurgias plásticas, tecnologias estéticas de si, etc.), parece encontrar na maternidade, não só um dos últimos traços reminiscentes da mulher de outrora (de suas mães e avós), mas, sobretudo, uma missão que se inscreve no mito do feminino.

É por este motivo, que se torna relevante retomar a reflexão sobre os impasses e conflitos da relação mãe-filha na contemporaneidade, pois nela parece-nos ser reeditado aquilo que atravessaria a uma só e a todas as mulheres, um misto do universal e do

cultural, o enigma do torna-se mulher através do inevitável espanto provocado pelo confronto junto ao fantasma materno.

O desejo de ser mãe e suas articulações com o estádio do espelho

A relação entre mãe e filha é especialmente intensa e profunda tanto para mãe quanto para a filha, uma relação marcada por conflitos de amor e ódio. É uma das relações mais desafiadoras que a mulher pode enfrentar em sua vida, pois, inevitavelmente, confronta-se com um núcleo ativo, inconsciente, das marcas deixadas e, muitas vezes, “esquecidas” do que foi experienciado junto à sua imago materna. Numa repetição diferencial, própria ao dinamismo das pulsões e do desejo, a relação mãe-filha reatualiza, de forma singular, o enigma do tornar-se mulher.

Marie Cardinal, no livro *Palavras por dizer* (1976), relata sua travessia na análise, análise esta que aconteceu em virtude de um sangramento ininterrupto, oriundo de um útero fibromatoso, que a deixara à beira da loucura, tamanha angústia provocada. É no divã que Cardinal resgata as palavras “esquecidas” de sua história junto à mãe, história de seu próprio útero sangrento, que repetia a tentativa confessada pela mãe em abortá-la à época da descoberta da gravidez. Em suas palavras:

“Sós, uma diante da outra, vivíamos nosso único encontro. Até aquele momento, minha vida não passava de uma sucessão de esforços no sentido de aproximar meu caminho do dela. Pensava que uma vez cruzados os caminhos, continuaria a andar ao seu lado, no mesmo passo. Em vez disso, apenas cruzados, nossos caminhos se afastavam rapidamente. Tudo que fizemos fora nos cortamos. Nossas vidas formavam uma dessas cruces oblíquas que usamos para barrar, anular, suprimir (...) O sangue esperou que eu tivesse vinte anos para me visitar, de forma muito irregular e em meio a sofrimentos atrozes. Depois tornei-me uma mulher e fiquei esperando meu primeiro filho. Quando soube que era eu que carregava em meu ventre um pequeno ser de quatro meses, de cinco meses, de seis meses, etc., comecei a odiar minha mãe, aquela suja!” (*ibid.*, p. 86)

Cardinal traz à tona o nó sôfrego, “cortante”, da relação mãe-filha no qual a diferenciação coloca-se como ruptura sempre intrusa, ao mesmo tempo em que desejada. Ao saber que está grávida a mulher produz uma imagem da filho/filha antes mesmo do seu nascimento, neste universo emerge uma primeira identificação da mãe com a criança. A imagem de uma criança imaginada, produzida pela mãe antes do seu

nascimento tem origem no próprio narcisismo materno; isto é, tem relação com os investimentos libidinais da mãe. Desses investimentos maternos depende a maneira pela qual a criança será acolhida logo ao nascer. Cardinal (*ibid.*) narra seu nascimento recontando as palavras de sua mãe:

“Finalmente você nasceu, porque era você que eu esperava. O senhor certamente me puniu por ter querido ajudar um pouco a natureza, porque você nasceu mostrando o rosto, e não a parte detrás da cabeça. Sofri o martírio mais do que o seu irmão e sua irmã. Mas o castigo não foi assim tão ruim, porque você era um belo bebê, cheio de saúde. Para passar, você deve ter roçado em mim seu queixo e suas bochechas, porque eram totalmente vermelhas. Até se podia dizer que você estava pintada. Como você era engraçadinha, meu Deus!” (p.85)

Winnicott ao falar sobre função materna inclui nelas os cuidados primários reais de atender as necessidades da criança. Ele trata as questões dos cuidados maternos designando o termo *Holding* cuja a tradução para o português seria sustentação ou colo, portanto *Holding* é a soma dos cuidados maternos da sustentação que a mãe oferece à criança quando esta ainda desconhece a existência de qualquer coisa que não seja ela própria Winnicott, (1967). Neste contexto, a função paterna, enquanto instância simbólica produz dois efeitos neste vínculo fusional, a saber: o primeiro que seria de proibir a mãe de fazer da criança seu objeto de compensação de sua falta estruturante da diferença sexual, e um segundo, o de proibir que a criança continue sendo este objeto de desejo de sua mãe, desejo este mortífero, pois objetificante da subjetividade que há de advir através do corte simbólico.

Na perspectiva de Lacan, o estágio do espelho é uma fase de constituição do sujeito, onde se em um “primeiro momento” a criança é assaltada pelas pulsões parciais, experienciando aquilo que se vem a chamar de angústia de fragmentação; o olhar da mãe produziria uma primeira unidade corporal, uma primeira imagem unificada, geradora do júbilo. Como diria Freud, o ego inicialmente é a projeção de uma superfície, superfície esta investidas pelo desejo materno. A criança volta-se para a mãe pedindo-lhe a confirmação desse olhar. Nas palavras de Chemama:

A criança, carregada pela mãe, cujo olhar a olha, vira-se para ela como para lhe pedir que autentifique sua descoberta. É o reconhecimento de sua mãe: “sim, és tu, Pedro, meu filho”, que, com um “és tu”, dará um “sou eu” (1995, p. 58).

Lacan relaciona a formação do ego com a experiência narcísica fundamental que ele denomina de a fase do espelho o qual tratamos acima. Neste momento o sujeito pode se identificar com a imagem de si mesmo e essa identificação do sujeito só pode ser constituída com o olhar de reconhecimento do outro.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), Freud descreve a questão da vida erótica como sendo um meio para discutir o narcisismo, apontando uma relação importante entre narcisismo e escolhas objetais, para a qual o que se desenvolve, do ponto de vista de uma arqueologia do desejo, seria uma escolha narcísica de objeto, caracterizado pela procura do objeto amado, sinonímia da procura por si mesmo, como objeto de amor.

Neste caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve (Freud 1914, p.107). Portanto, narcisismo é considerado o investimento libidinal sobre o próprio eu, é o amor pela imagem de si mesmo.

A descendência é uma das formas encontradas pelos pais de satisfazer seu narcisismo frustrado infantil. Se analisarmos a afetividade dos pais para com os filhos iremos perceber que é apenas uma reprodução do narcisismo infantil perdido dos pais.

A criança concretizará os sonhos duradouros que os pais jamais realizaram- o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. (Freud 1914, p. 98)

De acordo com Zalcberg (2003), na relação mãe e filha ocorre uma apropriação narcísica, pela polaridade materna, que se torna abusiva, um abuso identificatório. A menina é colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída da sua própria singularidade. Faz-se necessário que a mãe renuncie ao lugar narcísico para que ela possa suportar o seu próprio envelhecimento sem que a imagem da filha jovem seja convertida em sua rival.

Conflitos constitutivos da relação mãe e filha

De acordo com Freud (1925), em seus estudos sobre as consequências psíquicas da diferença dos sexos, a filha é descrita como aquela que faria suplência e responsabilizaria a mãe por sua falta de “pênis” e, conseqüentemente, por ter lhe feito insuficiente. O afastamento da mãe acarreta na menina sentimentos de hostilidade e

ódio e esses sentimentos podem durar toda a sua vida como observamos nos escritos de Freud sobre a feminilidade

O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que é acompanhado de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dela é superada, ao passo que a parte restante persiste. (1932, p. 122)

O afastamento de mãe e filha não ocorre de maneira fácil, acarreta muitos sentimentos ambivalentes de amor e ódio, porém esse afastamento é necessário para ambas em seu processo de singularização.

Freud (1932) aponta três motivos que originariam essa hostilidade da filha para com a mãe. O primeiro, a mãe teria despertado na menina sensações eróticas prazerosas como tentativa de sedução, para num *a posteriori* recriminá-la e depreciá-la pela atividade de sua erogeneidade masturbatória.

...foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (Freud, 1932, p. 121)

O segundo motivo dar-se-ia através da fantasia de que a mãe teria a amamentado pouco ou retirado o seio muito cedo. Por fim, um terceiro motivo apontado por Freud na casuística do ódio da filha junto à mãe ocorreria por via de um sentir-se rejeitada por causa do nascimento de novos irmãos.

É certo que a menina culpa a mãe de tudo isso, mas o motivo principal que a difere do menino, tendo em vista que ele sofre as mesmas decepções, é que a menina recrimina sua mãe pela falta de um pênis. No campo fantasmático, é como se “de início” acredita-se que essa falta só se dá a ela e que sua mãe tem um falo. Somente aos poucos a menina confronta-se com a imagem da falta do falo na mãe, e através desta experiência sofre a impossibilidade da completude das satisfações, confronta-se com a falta essencial implicada na constituição da feminilidade. Por fim, a menina a desprezaria e inclinar-se-ia para o representante paterno, com a esperança que pudesse dar aquilo que foi negado na condição materna. Num “só depois”, Freud aponta que o desejo de ter um filho seria mobilizado pelo desejo de posse do falo impossível. Os três motivos apontados constituem a fantasia de sedução. Ao voltar-se para o pai, abre-se

para a menina o caminho de acesso à feminilidade, caminho este que poderá ter três linhas de desenvolvimento possíveis. No que diz Freud

“A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis; uma conduz a inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira finalmente, à feminilidade normal”. (1933/1996, p.126)

Segundo Freud (1933), a escolha de qualquer um desses caminhos dependerá de como a menina elaborou sua castração. Conforme Zalcberg (2003), a filha pode reencenar para a mãe, numa relação de espelhamento, a problemática de sua própria castração, o que poderá comprometer a relação de ambas. A falta pode ser ganhar destinos desejantes para a menina se a mãe puder “viver sua falta constitutiva de forma serena e criativa” (p. 110). A questão é como a mãe lida com a ausência de um significante para o sexo feminino.

Em “A sexualidade feminina” (1931/1996), Freud esclarece que o processo marcado pela hostilidade da menina para com a mãe, que a julga responsável por “tê-la trazido ao mundo como mulher” (p. 242), põe fim à ligação entre ambas, processo que não é fácil, pois a menina poderá ter dificuldades em se separar da representante materna, por temer a perda do seu amor. Zalcberg (2003, p. 171), também enfatiza que esse medo “está na origem desse conflito”.

Feminilidade

De acordo com Zalcberg (2003), o caminho para a feminilidade só será possível com a separação de corpos e de gozos entre mãe e filha, ou seja, tanto a filha quanto a mãe precisam fazer o luto da ligação que as mantiveram unidas por tanto tempo.

“A mãe, tanto quanto a filha, devem estar dispostas a fazer o luto do que, no âmbito da feminilidade, elas representaram uma para a outra, e que as mantiveram tão ligadas ao longo dos anos”. (Zalcberg, 2003, p. 192).

Ainda de acordo com a autora, “É esse tipo de perda que a mãe e a filha devem estar prontas para prantear e, daí, atingir um outro nível de individualidade”(Ibid.) Portanto, a questão da feminilidade deve ser elaborada por cada uma individualmente.

Segundo Freud “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (1921/1996, p.133).

No que diz respeito à identificação da relação mãe e filha, a menina se separa da mãe com a ajuda da intervenção paterna, mas retornará a ela numa tentativa de

identificação com o feminino. A filha “... precisa, no entanto, em determinado momento, poder distinguir-se da mãe para consolidar essa identificação como sua”. Essa busca deve ocorrer afim de que a filha descubra por si o que é tornar-se mulher. (*IBID.*)

No contexto das escolhas conjugais, a relação pré-edipiana estabelecida com a mãe participara, inconscientemente, das futuras relações objetivas estabelecidas pela menina/mulher no decorrer da vida. Essa fase ganha maior importância, pois muitas mulheres escolhem seus maridos conforme o modelo do pai e repetem na vida conjugal seus maus relacionamentos com suas mães. Freud relatava que os segundos casamentos eram, em geral, mais satisfatórios que os primeiros. Parafraseando Freud (1914) “A necessidade da mulher, é no sentido de ser amada, não a de amar”. Ou seja, é um excesso do desejo de ser amada que tem início em sua primeira relação com a mãe.

A título de um exercício interpretativo: O filme *Valente* como representação das vicissitudes na relação mãe e filha.

A escolha do filme *Valente* (Pixar Animation Studios, 2012), deu-se através da possibilidade de metaforização que a referida película perfaz em relação aos conflitos inerentes ao processo de subjetivação entre mãe e filha, conforme abordado. Sua linguagem é voltada para o público infantil, encenada através de desenho animado. Contudo destaca-se que a história é desenvolvida através de uma narrativa própria ao que de mítico parece subsistir aos processos de singularização da díade mãe-filha.

Na história de *Valente*, filme de grande repercussão midiática, mãe e filha – representadas na trama por Rainha Elinor e Merida, respectivamente – vivenciam os impasses entre o processo de filiação e separação, num tempo onde batalhas épicas e lendas místicas de uma antiga Escócia, produzem um imaginário social bastante cristalizado sobre os destinos do feminino.

No contexto da narrativa cinematográfica, Mérida é filha do Rei Fergus e da Rainha Elinor. Quando ainda criança, em um passeio pela floresta, a princesa presencia um urso arrancar a perna de seu pai. A partir do horror experienciado precocemente, do horror de assistir passivamente a imagem da mutilação do pai, Mérida constrói sua história através de um laço materno, aparentemente, tão mutilador de suas possibilidades de autoria da existência, quanto o urso que subtraía uma das pernas do pai. Assim como o rei, que teria jurado se vingar do urso, Mérida parece também buscar uma forma de reparar aquilo que sempre parecerá ameaçado pela força da

alteridade materna. Nas palavras de Elinor proferidas à filha é enunciado: “uma princesa deve mostrar conhecimento sobre o seu reino, uma princesa não rir assim, não enche a boca, deve cedo levantar, deve ter compaixão, eficiente, cautelosa e acima de tudo uma princesa busca a **perfeição**”. Na fala de Elinor, a não aceitação do que foi impossível em sua vida, no caso “ser perfeita”, desdobra-se num imperativo repassado à filha que tem a obrigação de realizá-los, como se uma fosse a continuidade da outra. A vida de Mérida é modificada quando ela tem que cumprir um antigo costume sagrado, no qual ela terá de se casar com o primogênito de um dos clãs ao qual ela pertence. Esse costume garante a paz entre os reinos. Mérida não aceita, pois está determinada a conquistar seu próprio caminho na vida.

Segundo Zalcberg (2003) existe de certa forma uma apropriação narcísica que se torna abusiva da mãe em relação à sua filha e esse abuso se torna um abuso identificatório; a menina é colocada pela mãe em um lugar que não é o seu, isto é, destituída da sua própria singularidade.

No embate pela abertura de alguma diferenciação, ou ainda, subversão da tradição, Mérida, ao invés de ser escolhida por um pretendente do reino, conforme rezava a cultura, propõe-se ela mesma a lutar por sua própria escolha, por sua “própria mão”. “Eu sou Mérida primogênita dos descendentes do clã *Dancloc* e pela minha própria mão eu vou lutar”. Desafiando, assim, a todos e, principalmente, contrariando os processos de filiação parental, Mérida afirma à Elinor: “Me escuta, você não se importa comigo, é o que você quer, já pensou em me perguntar o que você quer? (...) Você tenta me fazer como você, mas eu não sou como você, nunca serei como você... Eu prefiro morrer a ser como você”. Numa extensão de sua palavra-ato, Mérida corta a tapeçaria feita por sua mãe com uma espada, onde no desenho existe a família real e mãe e filha de mãos dadas.

Na ficção, contrariar a tradição no reinado é risco de perda da paz, uma paz que aos olhos da princesa seria uma verdadeira “paz de cemitério” em relação ao desmedido de seu desejo. Zalcberg nos afirma que: “A partir dessa dialética entre o Outro materno, e o objeto que a criança representa para este, a criança ganha seu lugar e seu estatuto de sujeito” (2003, p.137). Ao descrever a relação entre menina e sua mãe, Lacan utiliza o termo devastação que em francês é *Ravage*, que tem a mesma raiz da palavra *Ravissement*, deslumbramento, derivada de *Ravie*, deslumbrar. A devastação tem todos

os traços de uma relação passional, apagadora da subjetividade. É como se para as duas, mãe e filha, não houvesse saída, nem caminho intermediário, senão a ruptura, o corte! Para Serge André “a história da menina e sua mãe aparece como a história de uma separação sempre adiada” (2011, p. 223).

Na trama cinematográfica, Mérida apela a uma bruxa da floresta que realize um feitiço “que mude a minha mãe e que mude o meu destino”. O feitiço realizado pela bruxa é transformado em um doce. A princesa, ao retornar para o castelo, oferece o doce à sua mãe como uma oferta de paz entre as duas. Porém a bruxa não revelara que ao comer o doce a vítima do feitiço é transformada em um urso. Percebendo, assim, a mutação de Elinor na forma do mesmo animal mutilador do Rei, Mérida culpa a bruxa e não se implica pelo ocorrido. Elinor tem que sair imediatamente do castelo, pois é descoberta pelos empregados que a veem como um urso solto no castelo. Os lordes, juntamente com o Rei, vão ao encontro do urso para matá-lo, não sabendo que se trata da Rainha. Assim, Mérida leva sua mãe para a floresta em busca de um antídoto para o feitiço. Ao chegar à casa da bruxa, encontram apenas um recado que assombra, ainda mais, a princesa, a saber: ao segundo nascer do sol o efeito do feitiço seria permanente, ao menos que ela conseguisse desvendar o seguinte enigma: “Se inalterada, olhe sua alma, remende a união por orgulho separada”. Nenhuma das duas consegue decifrar a citação.

Nesta passagem da história, fica marcada a busca da filha em poder encontrar uma “solução mágica” ao transtorno da diferença. Mais que isso, a ânsia por tal solução parece encenar a dimensão da filha que, alienada ao desejo da mãe, recua ante ao processo de diferenciação. Destaca-se também nesta passagem o retorno da imagem do urso como representante da falta, do desconhecido, da ameaça de perda, um verdadeiro “estranho familiar” que ronda e assombra a todos. Do desejo de vingança-reparação do Rei sobre o urso, a “besta castradora”, ao feitiço da bruxa da floresta do inconsciente da filha, é o horror do não-todo, da impossibilidade de restauração de uma unidade mítica, que todos padecem. Interessantemente, o filme explora o antídoto no formato de um enigma, de um enunciado que aponta para a emergência da diferença como marcada, paradoxalmente, através das relações de semelhança. O orgulho como efeito do narcisismo, surge no texto como uma espécie de “vilão” à unidade impossível entre duas. A incompreensão da mensagem era necessária naquele momento, pois ambas estavam, ao seu modo, em disputa narcísica, tendo como sombra, como ponto cego, a

miragem da possibilidade de ceder. Decifrar o enigma estava associado à união só possível de ser conquistada através do reconhecimento das diferenças, assim como assinala o amor como operação psíquica distinta do arrebatamento fetichista da paixão. De acordo com Zalcberg :

“A mãe, tanto quanto a filha, devem estar dispostas a fazer o luto do que, no âmbito da feminilidade, elas representaram uma para a outra, e que as mantiveram tão ligadas ao longo dos anos. Todas as mães devem fazer esse luto: à medida em que a filha torna-se adulta, elas devem renunciar, mais ou menos progressivamente, à relação que elas tiveram com a mesma, na infância e na adolescência”. (2003, p. 192)

Dando continuidade à narrativa do filme, ao passar das horas o efeito do feitiço vai se concretizando e Elinor vai perdendo sua essência humana e tendo momentos agressivos para com a filha. Esse comportamento é observado por Mérida que diz: “mãe você mudou”.

Ao transmitir sentimentos de agressividade a Mérida, Elinor inconscientemente responsabiliza a filha pelo ocorrido. Elinor simbolicamente tenta se diferenciar da filha e isso ocorre com muito ódio e culpa.

Ao nascer do sol pela segunda vez, isto é, o segundo dia da mãe transmutada em urso, a princesa, em desespero, coloca a tapeçaria cortada e, agora, remendada por seu sofrimento, no corpo de sua mãe urso, porém ela não retorna à sua forma humana para o total pranto de Mérida. A princesa chora e se responsabiliza por todos os acontecimentos. “Eu fiz isso com você e conosco, só quero você de volta, sempre estive ao meu lado. Mérida então percebe que sua mãe volta a sua forma humana e diz: “você mudou”, Elinor: “eu acho que nós duas mudamos”.

Zalcberg (2003) nos esclarece que na medida em que a mãe renuncia ao gozo do fusionamento identificatório, ela abre espaço para o seu desejo e para o aparecimento da filha como sujeito. O pedido de desculpas da princesa selou o responsabilizar-se ou a apropriação de suas próprias escolhas, mesmo que nesse caso sua escolha não tenha sido uma “escolha sábia”, num primeiro momento.

No processo de diferenciação da metáfora apresentada há um caminho a ser percorrido entre mãe e filha. A mãe tendo como principal tarefa fazer o luto de separação, sem com isso abdicar suas duas funções ser mãe e mulher ao mesmo tempo.

Por outro lado, a filha terá como principal tarefa diferenciar-se da mãe a fim de alcançar alguma autoria singularizante de sua existência.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. (2011). O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Zahar

CARDINAL, Marie. (1976). Palavras por Dizer. Rio de Janeiro: Imago

CHEMAMA, Roland. (1995). Dicionário de Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

FREUD, S (1914). “Sobre o narcisismo: uma introdução”, ESB. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1996, p. 81-108.

_____ (1921). “Identificação”, ESB. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVIII, 1996, p. 115-120.

_____ (1925). “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, ESB. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, 1996, p. 271-286.

_____ (1931). “Sexualidade feminina”, ESB. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI, 1996, p. 229-251.

_____ (1932). “A feminilidade”, ESB. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXII, 1996, p. 113-134.

WINNICOTT, D. W. (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *o brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

ZALCBERG, M. (2003). A relação mãe e filha. Rio de Janeiro: Campus.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-4272008000200007&script=sci_arttext

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao_Um_nome_para_dor_de_amor.pdf